

BRUNO MARTINS SOARES

# A BATALHA DA ESCURIDÃO

— AS CRÔNICAS DE BYLLARD IDDO —

VOLUME 1

## OS SILENCIOSOS

(Sample)

INCLUI O CONTO  
"CYBIL"

— do mesmo autor —

&

O JOGO NARRATIVO  
"ASSALTO AO LENOX F4"

— de Sérgio Mascarenhas —



Editorial Divergência

O autor transporta-nos para uma guerra no "Mar da Escuridão", num registo cinematográfico e direto, repleta de aventura e ação. Perfeito para o leitor que gosta de ficção científica militar ou quer experimentar algo diferente do usual no panorama da ficção científica portuguesa.

— **Mafalda Fernandes** —

@aoutramafalda

Leitura empolgante como o desenrolar da acção! Incrivelmente bem escrito, episódios estratégicos em batalha e muitas surpresas de um autor nacional. (Ansiosa pela continuação.)

— **Cristina Gaspar** —

Books&beers



# A BATALHA DA ESCURIDÃO

— AS CRÓNICAS DE BYLLARD IDDO —

VOLUME I

**OS SILENCIOSOS**

(Sample)

BRUNO MARTINS SOARES

Traduzido do Inglês e adaptado pelo autor



**Editorial Divergência**

Novembro de 2025

## FICHA TÉCNICA

**Título:** A Batalha da Escuridão — As Crónicas de Byllard Iddo

**Subtítulo:** Os Silenciosos

**Autor:** Bruno Martins Soares

**Coordenação editorial:** Arlete Gomes

**Edição:** Rui Bastos

**Revisão:** Arlete Gomes

**Artista de capa:** João Rodrigo Carvalho

**Composição:** João Rodrigo Carvalho

**Ilustração das personagens:** João Rodrigo Carvalho

**Elementos Gráficos:** Leonor Hungria

**Autor do Jogo Narrativo:** Sérgio Mascarenhas

**ISBN:** 978-989-9306-75-2

**Este livro foi composto pelos tipos:**

Palatino Linotype e Agency FB

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Bruno Martins Soares

©2025 João Rodrigo Carvalho

©2025 Leonor Hungria

©2025 Sérgio Mascarenhas

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

**Grupo Editorial Divergência**

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

**Website:** <https://divergencia.pt/>

**E-mail:** [geral@divergencia.pt](mailto:geral@divergencia.pt)

**Telefone:** 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



*Para o Tiago, meu sobrinho (a.k.a. Shorty; a.k.a. Baixinho)*

# CÓDIGO DE CONTACTO



Primeiro Número: Direcção  
de onde vem o contacto  
(Nave vista de cima )



Segundo Número: Altitude  
relativa em que o contacto  
é detectado.  
(Nave vista de trás )

**Exemplo:** 11 e 11 = Nave vem da **frente - esquerda - cima**

PRÓLOGO

# MORTO

Ano 1815  
2.º Mês — 1.º Dia

— Pára. Pára — disse ele suavemente. — O que estás a fazer? Pestanejei e olhei para ele. Tinha suor a pingar-me do nariz, e a minha respiração era um tanto irregular. Tentei perceber o que me estava a dizer. Sabia por aquele tom suave da voz que ele não estava contente. Esperou que eu respondesse. Gaguejei.

— Eu... eu estava... Saltar, girar, agarrar a cabeça, projectar. Ele abanou a cabeça.

— Não é o que estás a fazer, mas o modo como o estás a fazer. Atitude. A tua resposta tem de ser instintiva, precisa, determinada. Se hesitares, estás morto. Não podes estar à minha espera, tens de estar aberto e focado, ou as circunstâncias vão ultrapassar-te. Já falámos nisto. Não te distraias.

— Mas, pai... Estamos só a treinar...

— Exactamente. Isto é treino, não é um jogo. Por isso leva a sério. Faz como deve ser.

— Mas se eu fizer isso, se não tiver cuidado...

Ele abanou a cabeça uma vez mais.

— Pára. Cala-te. Cala-te — disse, suavemente. — Faz o que te digo.

E foi o que eu fiz. Levei a sério. Ele atacou-me como um touro, ou como uma pedra atirada por um braço forte, direito à minha testa: frio, sem emoção, brutal, rápido, imparável. E eu desviei. Fui rápido. E saltei, e girei, e agarrei-lhe a cabeça, e projectei-o

para o chão. E fui perfeito. Perfeito. Vitorioso. E sorri de orelha a orelha. E levantei-me, a sorrir. Feliz. Mas tinha sido demasiado perfeito. Ele não se levantou. O seu corpo ficou ali, sem se mexer, no chão. Frio. Perdi o sorriso em meio segundo.

É assim que se perde alguém. Em meio segundo.

# INTRODUÇÃO

Ano 1825

9.º Mês — 3.º Dia

O *Kaptin* Worf Tinnzer coçou a longa barba enquanto esperava que os seus tripulantes completassem as tarefas na ponte do S62.

Ninguém se barbeava no serviço, na *Styllemarinne*. Era um serviço de elite. Ao contrário de qualquer outro na *Riggsmarinne*, a feroz Marinha Espacial da República de Axx. Os Barcos Silenciosos, ou *Styllebuutz* viajavam pelo Espaço profundo por períodos muito mais alargados do que a maioria das naves, fornecidos no vazio por naves especiais, comerciantes piratas, mercadores ocasionais ou postos avançados isolados. Estavam sozinhos durante muito tempo e por isso não se barbeavam. Tinha-se tornado uma questão de honra, a insígnia dos bravos, a famosa barba dos *Styllemariners*. Também não se lavavam, por isso após um dia ou dois haveria este característico odor omnipresente. Tão omnipresente, na verdade, que deixariam de reparar nele.

Pensou na sua mulher, Sondra, e no seu pequeno filho, Worf. Esperava que ficassem bem. Estavam longe de qualquer alvo importante, lá em baixo na casa centenária da família no meio da Floresta Inicial. O mais seguro que poderiam estar.

Worf olhou através do visor na sua cadeira no centro da ponte de comando do S62. Os Silenciosos não tinham *scanners* a toda a volta porque isso perturbava a camuflagem refractiva. Tinham, no entanto, três níveis de vigilância com sondas muito pequenas

a circundarem a nave, ligados ao visor. O visor do *Kaptin* era um capacete volumoso que cobria toda a cara de Worf. Tinha de se carregar num botão no braço da cadeira para que o visor deslizasse para baixo. Com os dedos a gerirem os botões, a cadeira podia rodar de um lado para o outro, permitindo-lhe ter uma visão de todo o Espaço em volta do Silencioso.

— *Kapt*, mensagem do S60. Também já chegou.

— Está bem.

Aí estava o terceiro Silencioso. Estavam prontos. Já não era sem tempo. Worf olhou para o inimigo. Um comboio carregado com mais de 40 naves.

— O 63 já estabeleceu o tempo?

As instruções eram que o primeiro Silencioso a chegar à zona de combate lideraria e coordenaria o ataque.

— Só um momento, *Kapt*.

— Pede-lhes orientações quanto à posição, também.

— Sim, *Kapt*.

— Só falta segui-los o caminho todo até Webbur — disse Rukt, o *Navkursoffizier*.

O S62 já estava em posição há mais de 20 horas. Numa operação normal o ataque já teria ocorrido há várias horas. Worf sabia que os homens estavam a ficar impacientes. Carregou no botão e o capacete subiu, libertando-lhe a cabeça.

— E já agora fazíamos a manutenção na lua de Brury — continuou o *Nav*. As pessoas riram. A voz calma e fria de Worf atravessou a ponte:

— Já chega, Rukt.

Acalmaram todos. Esperaram. Finalmente, o *Kommmsgoffizier* olhou para o *Kaptin*.

— Tempo estabelecido para daqui a 30 minutos, *Kapt*.

— Certo. Deram-nos a posição?

— Posição B. De estibordo.

— Certo.

*Lüivettenand* Urster aproximou-se sorridente com uma chávena de chá na mão.

— Parece que nos vão acorrentar cá fora também, *Ver-Kaptin*. Preferia ter a liberdade que tínhamos antes.

Worf sorveu um gole de chá. Urster tinha-lhe deitado aguardente, como sempre.

— Estamos em guerra. Temos de ser eficazes.

— E o que é que eles sabem disso?

Worf não gostou do comentário. Baixou a voz para que só Urster o pudesse ouvir.

— Cuidado, Urster. Isto não é lugar para política.

— É exatamente esse o meu ponto.

Worf rangeu os dentes.

— Chega. Ponho-te no buraco eu próprio. Isto não é política. Isto são boas tácticas.

Desde que o irmão de Urster tinha desaparecido na prisão do Tribunal Seichr, as observações do oficial tinham-se tornado cada vez mais inconvenientes. De cada vez que ele abria a boca, Worf temia por ele. Mesmo numa pequena nave como esta, onde a tripulação era coesa como uma família, havia gente leal ao regime. Podiam todos ficar em sarilhos se Urster não parasse com aquela conversa perigosa.

Para já, Urster recuou. O engenheiro Karolu entrou na ponte. Worf soube logo que alguma coisa estava mal.

— *Ver-Kaptin*.

— O que foi, Karolu?

— Desculpe estar a incomodá-lo nesta altura, mas...

Worf suspirou.

— O reactor?

— Sim, *Kapt*. Está bem agora, mas se precisarmos de lutar...

— Quanto tempo teríamos até começar a rachar?

— Uma hora, um dia, uma semana. Não tenho a certeza, *Kapt*.

Worf pensou por um momento, e depois encolheu os ombros.

— Agora, nada a fazer. Estamos empenhados. Trata dele o melhor que conseguires. Se for como de costume, nem teremos de lutar.

— Não há nada como de costume nesta operação, *Ver-Kaptin*  
— disse Urster.

Worf olhou para o seu *lúivettenand*, levantando a sobrancelha.

— Estamos empenhados — repetiu.

— Estou só a dizer... Pode acontecer muita coisa...

— Estamos empenhados — disse Worf mais uma vez. Pararam todos. Finalmente, tanto Urster como Karolu recuaram.

— Sim, *Kapt.*

— Sim, *Kapt.*

Worf acabou o seu chá em silêncio, enquanto a tripulação se preparava para o ataque. Não havia mais nada para ele fazer. Todos sabiam as suas responsabilidades. Finalmente, Urster olhou para ele.

— Estamos prontos, *Kapt.* 'T' menos 5 minutos.

Worf levantou os olhos, assentiu, sentou-se para trás na cadeira e carregou no botão para que o capacete descesse sobre a sua cabeça. Em segundos, estava a olhar para fora. Negro a toda a volta. Através do *zoom* e dos protocolos de melhoramento, conseguiu descobrir as naves à sua proa.

— Ora bem, — disse ele, com a cabeça ainda dentro do capacete. — Temos as identificações dos alvos confirmadas?

— Sim, *Kapt.* Nave mercante *Solio*, 800k, e nave mercante *Harvy*, 700K, são as primeiras.

— Escolta?

— A ameaça mais próxima é a *Nyban*, uma corveta. Classe antiga. Pouco poder de fogo.

— Certo. — O capacete de Worf mostrou-lhe as naves inimigas. — Não vamos forçar a sorte com o reactor. Apanhamos os primeiros dois alvos e saímos daqui.

— Sim, *Kapt.*

— Tempo, *Kapt.*

— Certo. Aumentar a velocidade para ataque encoberto. Torpedos?

— Prontos, *Kapt.*

— O 63 entrou em acção, *Kapt.* Posição A.

— Certo. Rukt, estamos a desviar-nos. Leva-nos de volta ao alvo.

— Sim, *Kapt.* Peço desculpa, *Kapt.*

Worf rodou a sua cadeira para ver onde estava o S63 nesta altura. Não tinha contacto visual da nave, mas o sinal de identificação de amigo fazia pulsar um ponto azul no seu capacete, por isso ele sabia onde estava a nave. E também... Num movimento esquisito, uma nave inimiga estava a posicionar-se de forma estranha. Estava a diminuir a velocidade e a deixar-se ficar para trás.

*O que é que aquela fragata está a fazer?*, pensou Worf.



## EPISÓDIO I

# PRIMEIRO TIRO

**Ano 1824**

**3.º Mês — 4.º Dia**

— Olha para aquilo! Que vista! — Lara estava a olhar para baixo através do vidro para a superfície de Webbur e para o espaço-porto rotativo. *Que vista!*, pensei, mas estava a olhar para o outro lado, para cima. A frota já estava calmamente a juntar-se em formação, preparando-se para a viagem. Era uma formação linda. Uma ‘formação em espinha’ bela e esguia que, mal eu sabia, ficaria obsoleta em pouco tempo.

Olhei para Lara. Ela continuava a suspirar para o planeta. A sua maravilhosa pequena orelha a escapar por debaixo do suave cabelo loiro com a ajuda de um dedo. Sorri para mim mesmo e olhei de novo para a frota. A corveta-correio estava a subir com uma taxa de aceleração constante em direcção às grandes naves. A 2.ª Frota da União Webbur. Uma das mais fortes do sistema. A 1.ª Frota, a frota do Primeiro-Almirante, também conhecida como Frota-Mãe, ficava perto do planeta. A 3.ª Frota, a Frota Exterior, patrulhava a vasta fronteira deserta para vigiar as frotas ameaçadoras do Império do Frio. E a 2.ª Frota, a minha, a Frota Interior, controlava tudo daqui até ao Sol. Mais ninguém tinha naves tão impressionantes. Nem sequer o Reino de Torrance, com o seu magnífico legado, e certamente não a República de Axx, apesar do seu grande poderio.

E ali estava ela. No centro da frota, a minha nave. A nave do

Almirante Hedde, a *WS Magnar*, uma nave-de-batalha de primeira classe com 120 baterias. Quase não se conseguia tirar os olhos dela quando estava assim, com o flanco para o Sol, rodeada pelas suas companheiras.

— Estava a falar de Webbur. — Lara olhava para mim com um sorriso inteligente. Saltei por dentro. Não porque me estava a olhar daquela maneira, mas porque me sorria e, por alguma razão, isso fazia-me sempre saltar por dentro, surpreso.

— S-sim, eu sei.

Ela sorria e, através da janela dela, apanhei um vislumbre de mais outros dois dos colossos da frota: a *WS Taurus*, uma nave-de-batalha de segunda classe de 90 baterias; e atrás dela, a *WS Viker*, uma terceira classe de 70 baterias.

— É verdade que dão bailes incríveis na *Magnar*? — perguntou ela. Corei.

— Às vezes.

Olhei de novo pela janela. À volta das grandes naves, três contratorpedeiros estavam a colocar-se em posição de protecção dos flancos, e um quarto estava na ponta, à frente da *Magnar*. Duas pequenas fragatas de 32 baterias iam à frente e *Syrius*, a pequena mas rápida corveta-correio, estava a transportar-nos para a frota. A grande barca de abastecimento de um milhão de toneladas, a *WS Warhog*, e a pequena nave de reparação *WS Pleeto* completavam a frota, viajando atrás e abaixo da *Taurus*, respectivamente. 12 belas naves verdes, vermelhas e cinzentas que espelhavam poder em todo o sistema solar.

— Quando é o próximo? — perguntou Lara.

Eu estava a ter dificuldade em pensar. Lara e eu tínhamos ficado cada vez mais próximos nestes últimos dias, e a ideia de a deixar no seu posto no *WS Orink*, um contratorpedeiro de 4.<sup>a</sup> classe e 50 baterias, no flanco de *Magnar*, e não a ver durante semanas, mantinha-me num constante estado de ansiedade. Tínhamos escrito muitas mensagens entre nós, dito muitas coisas *online*. Mas apenas nos últimos dias é que tínhamos verdadeiramente estado juntos, fisicamente, sem ser *online*,

e no geral tínhamos conseguido também estar sozinhos, como agora, na praticamente deserta corveta-correio. Isso ainda me deixava nervoso. Ainda me deixava excitado e de cabeça no ar. E tinha de parar rapidamente porque uma nave-de-batalha de Webbur não é um sítio para se estar nervoso. Ou de cabeça no ar. Ou excitado, na verdade. O problema era: eu não queria que parasse.

— Bem — disse eu, desconfortável —, suponho que quando chegarmos a Torrance, um planeta aliado, com toda a fanfarra, o Almirante quererá dar um baile. Suponho...

— E uma pequena enfermeira gira como eu seria convidada?

— Se isso fosse pedido por um sólido oficial subalterno como eu, seria.

— Bem...

Oh, o sorriso dela.

— Deveria preparar-me, então? — Ela inclinou a cabeça, provocantemente.

— Suponho que sim...

— Sr. Iddo, esta é a sua, parece-me — interrompeu o mestre-da-corveta, avisando-me para estar pronto para partir e embarcar na *Magnar*.

Olhei para Lara. Ela olhou para mim. Foi um olhar de pequeno desespero. Ela sorriu. Alegria e tristeza num único sorriso. Olhámos em volta, para ver se estava alguém a ver, e conseguimos um beijo rápido, frágil e intenso.

\*\*\*

Viviam e trabalhavam na *Magnar* cerca de 15.000 pessoas. Era uma besta impressionante, composta por doze imensos compartimentos diferentes, chamados 'cascos', seis a estibordo e seis a bombordo. Cada casco era basicamente independente e podia ser isolado do resto: tinha o seu próprio hospital, a sua própria cantina, o seu próprio dormitório, o seu próprio ginásio, as suas próprias áreas de trabalho, o seu próprio armazém,

o seu próprio arsenal, o seu próprio controlo de gravidade. Cada casco acolhia cerca de mil membros da tripulação. Quando atacado ou despressurizado, cada casco podia ser bloqueado e isolado do resto do navio. Calculava-se que a *Magnar* podia perder cinco ou seis cascos antes de ficar inoperável. Os cascos eram numerados: os de bombordo eram ímpares, e os de estibordo eram pares. Assim, o 1.º Casco ficava na proa à esquerda, o 2.º Casco ficava na proa à direita, o 3.º Casco ficava à esquerda atrás do 1.º Casco e assim por diante.

Para além das funções que os cascos dividiam entre eles, como o lançamento de naves, a gestão dos motores ou a análise de objectos estranhos, cada casco era ainda responsável por dez baterias com dez tubos de mísseis de Alto-Calibre e Alto-Explosivo, ACAE, que podiam ser disparados em sucessão rápida. Por isso, a *Magnar* podia ter em rota para os alvos a quantidade massiva de 1200 mísseis ACAE. Juntamente com a *Taurus* e a *Viker*, as grandes naves da frota podiam disparar mais de 3000 ogivas num determinado momento.

A Torre da Ponte Principal era um segmento da nave diferente dos cascos principais. A Torre vivia para a Ponte. Embora cada casco tivesse o seu comandante, o seu mestre e se ocupasse essencialmente de si próprio, a Torre (como era conhecida) acolhia quase mil pessoas dedicadas a comandar todo o navio, gerir toda a frota e que apenas respondiam ao Capitão e ao próprio Almirante. Acolhia mais comandantes, oficiais superiores e oficiais subalternos do que todo o navio combinado, para além do Almirante, do Capitão e do Primeiro Oficial. Os comandantes e oficiais dos principais Comandos, e a Equipa-C, todos viviam ali. Logo acima dos dormitórios ficavam os Quartéis-Generais, QG, dos Cinco Comandos, cada um com uma área de trabalho em comum e um escritório para o Oficial de Comando, OC. E o Quartel-General da Equipa-C, que tinha três escritórios: para o Almirante, para o Capitão e para o Primeiro Oficial. Por cima do QG ficava a Ponte. E acima dela, com uma vista excepcional e já fora da protecção do casco principal blindado,

ficava a sala de jantar do Almirante, raramente usada excepto para impressionar visitantes especiais. Acima ficava o convés de observação do Capitão, para ver a olho nu a nave e a frota, nas raras ocasiões em que era necessário. E finalmente, lá em cima, encontravam-se os sensores e as antenas do convés superior, com o ocasional pessoal T. a mover-se por ali.

\*\*\*

Pus o meu saco no cacifo junto ao meu beliche e olhei-me ao espelho. Não ficaria na cabina muito tempo, preferia apresentar-me ao serviço o mais depressa possível, e ninguém se apresenta aos oficiais superiores com um uniforme desleixado.

— Olá Byl! Ainda bem que estás de volta!

Sorri, virei-me e apertei a mão de Ploom. Eu partilhava a cabina com outros três oficiais subalternos, e Ploom e eu éramos os mais antigos na nave-almirante.

— Olá, Ploom. Que me dizes? Uma nave firme?

— Sim, parece firme até agora.

— Subalternos?

— Firmes. Nada de punheteiros ou idiotas.

— O que diz o mestre?

— Nada por aí além, até agora.

— Isso é bom. Quem é este?

Atrás do grande sorriso de Ploom, vinha uma cara escura e tímida de um rapaz, tão jovem quanto a Marinha aceitaria, a tentar entrar na lata-de-sardinhas que era a cabina.

— Este é Gaddy. Ele está nos T's.

O Comando Técnico, ou Com-T, era um dos cinco comandos que completavam a equipa do Capitão da Ponte. Os outros quatro eram: Navegação, Sinais, Logística e Armas. Ploom estava nos N's, e eu estava nos S's. Ambos pertencíamos à Equipa-C, que era a razão para estarmos nestas acomodações na Torre, perto da Ponte Principal, logo abaixo dos Comandos, prontos para chegar aos nossos postos em segundos.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Gaddy.

— Por favor, chame-me Tym.

— Um Tym dos T's — brincou Ploom.

O quarto beliche da cabina pertencia a Hekk. Era um tenente dos fuzileiros, um A., o intermediário dos fuzileiros na Ponte. Se bem o conhecia, devia estar neste momento no ginásio. Dentro de umas horas, talvez eu me pudesse juntar a ele para um treino de artes marciais.

— Então — disse Ploom, fechando a porta da cabina —, vamos para a guerra?

Eu suspirei enquanto apertava o último botão do meu uniforme.

— Porque é que haveríamos de ir para a guerra, Ploom?

— Oh, não me venhas com essa, Byl. Axx está a um triz de se meter pelo cu acima de Torrance. E Torrance é nosso aliado. Se eles entrarem em guerra, nós não vamos estar muito atrás. Não é essa a razão desta viagem? Mostrar aos olhos-azuis que os torries não vão ficar sozinhos?

— Se tu o dizes, Ploom.

Ele fez uma careta de irritação. Claro que ele tinha razão. E eu estava em melhor posição de o saber porque pertencia ao Com-S. Toda a informação passava por mim. E podia dizer-lhe porque ele era da Equipa-C. Estaria na Ponte do Almirante e tinha autorização. Mas Gaddy não tinha. Ele trabalhava no QG do Com-T, dentro da barriga da fera, e não na torre superior. E se Ploom era suficientemente idiota para não se importar com isso, eu não era. Por isso fiquei firme perante o seu olhar e ele cedeu.

— Sr. Gaddy! — veio uma voz forte do corredor. Era Sandars, o mestre-da-torre. A sua cabeça apareceu à porta. Gaddy virou-se para ele.

— Ahn? Senhor?

— Não me venha com «Ahn»! Não é nenhuma vaca!

— Sim, senhor!

— E não me chame de «senhor»! Eu cá trabalho!

— Sim, Mestre Sandars!

— Você é um rapaz do Tec, não é, Sr. Gaddy? Eu diria que vocês teriam cabeça para verificar os vossos comunicadores, de vez em quando!

Embaraçado, Gaddy ligou o seu comunicador, esquecido no pulso.

— Estão a chamá-lo ao 2.º Casco, se faz favor, Sr. Gaddy! Passo de corrida! — rugiu Sandars. Gaddy saiu à pressa. O mestre olhou para mim e acenou. — É bom vê-lo a bordo, Sr. Iddo.

— É bom estar de volta, Sr. Sandars.

Depois de ambos saírem, virei-me para Ploom.

— Não andes aí assim a falar de guerra, Ploom! É um tópico perigoso e nem toda a gente tem autorização. Temos de ter cuidado.

Ploom sorriu.

— Oh, esquece lá isso. Fala-me da Lara!

\*\*\*

Os corredores interiores da nave, na sua maioria, eram bem iluminados, mas estreitos. Ainda assim, num dia como o Dia do Lançamento, mesmo os largos corredores principais ficavam difíceis de atravessar com toda a gente a embater em toda a gente. E tal como o resto da nave, a Torre estava imersa em caos e confusão nos corredores e nas escadas rolantes. Tínhamos uma piada entre marinautas-do-espço: «Não é por acaso que lhe chamam Dia-L.» Isto porque cerca de sessenta a setenta por cento de toda a confusão nos últimos dias antes de um lançamento é causada pelos tripulantes da Logística a correrem de um lado para o outro, cheios de *stress*. Em qualquer outra altura, estariam tão activos como todos os outros, mas antes de um Dia-L toda a pressão está nos seus ombros, a assegurarem-se de que tudo está a bordo e no local certo. À medida que me encaminhava para o QG do Com-S, desviava-me de tipos do L. a torto e a direito, e garanto que até hoje ainda não sei como é que

estes tipos não se magoam mais vezes, com a velocidade a que correm por todo o lado nos Dias-L.

Cheguei finalmente ao QG do Comando de Sinais e descobri que o Comandante Zell, o oficial de comando, não estava.

— No escritório do Almirante — disseram-me.

Ótimo. Isso dava-me tempo para olhar para os últimos sinais e avançar com algum trabalho.

\*\*\*

Zell recostou-se atrás da sua secretária e finalmente olhou para mim com toda a calma. Esta era a minha primeira viagem como seu Primeiro-Tenente. O anterior tinha sido promovido para um posto superior numa nave-de-batalha da 3.<sup>a</sup> Frota.

— Foi uma boa licença, Sr. Iddo?

— Sim, meu comandante. Obrigado, senhor.

— Teve oportunidade de olhar para os sinais?

— Sim, senhor. Nada de importante, senhor.

— Preciso que actualize os códigos das bóias.

— Está feito, senhor.

— Então tem de calcular a compensação para a actualização do *software* e verificar com a Navegação.

— Também já está feito, senhor.

Zell levantou a sobancelha. Eu sorri internamente. Não era fácil impressioná-lo e soube mesmo bem.

— E...? — perguntou.

— E, senhor?

— O que é que obtive? Qual é a compensação?

— Menos um, senhor.

Zell levantou a outra sobancelha e olhou para o seu *tablet* na secretária.

— Só isso?

— Sim, senhor.

— Menos um?

— Sim, senhor.

Ele torceu os lábios, satisfeito.

— Isso não é mau.

— Não, senhor.

Ele continuava a olhar para o ecrã, verificando os números.

— E já lhe confirmaram os cálculos?

— Ainda não, senhor.

— Diga-me assim que confirmarem.

— Sim, senhor.

Zell encostou-se para trás e olhou para mim mais uma vez.

— Boa licença, então?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Não espere outra tão cedo. Pelo menos até chegarmos a Torrance.

— Não espero, senhor.

— A frota vai lançar às 1800 horas. Pode seguir, Sr. Iddo.

— Sim, senhor!

\*\*\*

— A *Viker* está pronta a lançar, senhor — anunciei. — Era a última que faltava.

— Muito bem, Sr. Iddo — respondeu Zell, virando-se então para o Almirante. — Todas prontas a lançar, senhor Almirante.

A Ponte Principal era um lugar muito especial. Normalmente acomodava cerca de 18 tripulantes. Tinha 5 estações de Armas, 3 de Navegação, 3 de Sinais e 3 Técnicas. E também uma para o Comandante do L. (ou apenas L.) ou o seu substituto. Depois havia três cadeiras altas, umas atrás das outras: a cadeira do Primeiro Oficial, a do Capitão e a do Almirante. Oficialmente, a nave era comandada pelo Capitão, deixando o Almirante para comandar a frota. Mas ninguém tinha dúvidas de que era o Almirante Hedde quem de facto comandava a *Magnar*. Hedde subira a pulso e nunca tinha verdadeiramente ultrapassado o prazer de comandar uma nave-de-batalha. E o Capitão Simmas ficava feliz em ceder posição, pois confiava e admirava profundamente o Almirante.

— OK — disse o Almirante, um pequeno homem de aspecto sólido, com um impecável cabelo branco e um uniforme vermelho e cinzento. — Diga-lhes que lancem, Sr. Zell.

— Sinal para lançar, Sr. Iddo.

— Sim, senhor. Lançar, lançar, lançar! — Dei as ordens às outras naves da frota, enquanto ouvia o Almirante a ordenar calmamente:

— Pode lançar, Capitão.

— Sim, senhor! — aquiesceu Simmas, e então, para a Navegação: — Meia velocidade avante, Sr. Tumm.

— Sim, senhor — disse o Comandante dos N. — Meia velocidade avante, Sr. Ploom.

— Sim, senhor — disse Ploom.

Os motores começaram a rugir e toda a nave estremeceu e começámos a mover-nos.

O que torna a Ponte Principal de uma nave-de-batalha um local verdadeiramente especial para qualquer um que a conheça, é a envolvência. Apesar de estarmos numa esfera, com uma camada de sólida blindagem, dentro da nave, as paredes à nossa volta replicavam a envolvência recolhida pelos sensores da nave, por isso, na realidade, a plataforma das estações da Ponte parecia suspensa no Espaço, sem nada a segurar-nos. Se olhássemos para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita, para a frente e para trás, veríamos o Espaço em volta da nave, as estrelas, os planetas e as outras naves. E as estações rotativas que usávamos eram usadas exactamente para isso: para olhar a toda a volta. Alguém que não esteja habituado podia sentir enjoos, desorientação ou arrepios. Mas, ao fim de algum tempo, passamos a gostar e chega a fascinar-nos. Especialmente quando toda a frota está a lançar-se perto do nosso planeta natal e começa a perceber-se o movimento. É um belo espectáculo. Chamávamos-lhe um sensor mímico ou MID.

Olhei para a minha esquerda, para o holograma 3D de toda a frota suspensa sobre a minha cabeça. Era chamado o MCF, o Monitor da Constelação da Frota, ou simplesmente a

Constelação. Mostrava-nos a cada momento a posição relativa de cada navio na frota. Olhei para a imagem do *Orink* e imaginei Lara a olhar para Webbur pela vigia do contratorpedeiro à medida que passávamos pelo planeta e pelas suas belas cores. Olhei para trás e para estibordo e acreditei por um momento que podia ver um vislumbre do verdadeiro contratorpedeiro, a guardar o flanco da *Taurus*.

Após alguns minutos, o Almirante levantou-se, endireitou o uniforme e saiu, dizendo:

— A nave é sua, Capitão.

— Sim, senhor!

O Capitão esperou um pouco mais, e depois trocou algumas palavras com o Primeiro Oficial e finalmente disse:

— Tem o comando, Sr. Orrey.

— Sim, senhor!

E o Capitão saiu e o Sr. Orrey voltou-se para o resto da Ponte.

— Os oficiais estão livres para retomarem o horário de turnos.

E todos os oficiais superiores responderam:

— Sim, senhor!

E Zell voltou-se para mim e para Dalto, o outro oficial subalterno de Sinais em serviço na Ponte (um tipo novo, de face concentrada e caracóis castanhos), e disse:

— Vou retirar-me. Sr. Iddo, espere até passarmos a última lua e pode ir. O Sr. Dalto fará o primeiro turno. O Sr. Orta rendê-lo-á a seguir. Todos têm já o horário dos turnos nas vossas pastas de serviço. Sr. Dalto, qualquer coisa que precise, notifique primeiro o Sr. Iddo e então a mim. Percebido?

— Sim, senhor!

— Então, à vontade.

\*\*\*

As coisas começaram a ficar estranhas seis dias depois do Dia-L. Eu estava a fazer o último turno na ponte. Tumm,

o Com-N, um oficial experiente e meio careca que todos respeitavam, estava na cadeira do Primeiro Oficial, a controlar a ponte. Estavam apenas outras quatro pessoas na ponte: duas na Navegação, uma nas Armas e uma na Técnica.

Para muitos, as viagens no Espaço podem ser aborrecidas. É sempre a mesma vista, geralmente negra, com um tecido de estrelas no imenso horizonte. Nada realmente muda durante muitos dias. Mas eu gostava. Era pacífico. Calmo. Dava-nos tempo para nós, para os nossos pensamentos, e para respirar. As horas calmas de serviço na ponte, para mim, eram sempre um prazer.

Estávamos a dirigir-nos para o Mar da Escuridão, o espaço vasto e vazio entre a cintura de asteróides Mirox e a cintura de asteróides Eeron, em direcção ao Sol e ao sistema solar interior, onde Torrance e Axx se enfrentavam. O Mar da Escuridão é um local perigoso, onde apenas piratas, mercadores corajosos e comboios armados se aventuravam, longe das influências das forças armadas dos diferentes planetas. Também era a Área de Operações da 2.<sup>a</sup> Frota, para onde éramos enviados a maior parte do tempo, para apreender algum pirata demasiado bem-sucedido ou afirmar a influência de Webbur na região.

Eu estava concentrado nas minhas coisas, a olhar para o vazio, talvez a pensar em Lara, quando um sinal laranja apareceu na minha consola. Era um aviso de uma sonda de Nível 8. Endireitei-me na minha cadeira.

— Contacto, senhor! Nível 8, 10-e-10!

Tumm olhou para mim.

— Que tipo de contacto, Sr. Iddo?

— Não sei, senhor. Não consigo vê-lo. Mas está a surgir no meu monitor. Duas sondas. Nível 8.

— Mas não o consegue ver?

— Não, senhor.

Rumens estava à frente da Navegação, por isso Tumm olhou para ele.

— Onde estamos, Sr. Rumens? Já é uma rocha?

— Não, senhor. Ainda estamos a um dia de distância da Mirox.

Ficou tudo quieto durante uns minutos. Nada a acontecer. Tumm voltou-se para mim de novo.

— Quanto tempo até ter de lançar outra leva, Sr. Iddo?

— 78 minutos, senhor.

A *Magnar* e a frota rodeavam-se por 12 níveis de sondas. O Nível 1 era o mais próximo, o nível de último recurso, onde as ameaças mais imediatas eram detectadas antes de chegarem ao nível dos próprios sensores das naves, Nível 0. Havia mais 11 níveis consecutivos de sondas, até ao 12.º, o mais afastado da frota. As sondas eram responsabilidade dos Sinais, tal como as comunicações. Como tinham velocidade e combustível limitados, eram deixadas para trás ao fim de algum tempo, e era preciso enviar para o Espaço outra leva de sondas do tamanho de uma bola de futebol.

A minha consola mantinha-se silenciosa. Conseguia sentir que Tumm estava intrigado e desconfortável. Dois avisos de contactos de duas sondas diferentes no Nível 8 não podiam ser um erro, apesar de as sondas parecerem incapazes de nos mostrar o que quer que fosse. Mas Nível 8 significava que o que quer que fosse tinha passado sem ser detectado por quatro níveis de detecção. Um seria normal, dois aceitável, mas quatro?

Então, outro aviso no meu ecrã.

— Contacto, senhor! Nível 6, 10-e-10! Sem imagem!

Ninguém disse nada, mas eu conseguia ouvir Tumm a carregar nos seus botões, sem dúvida a chamar oficiais superiores à ponte. Após alguns minutos, várias pessoas começaram a entrar na ponte. Jovens oficiais sentaram-se nas suas posições. Zell também entrou. Não falou. Sentou-se junto a mim e olhou para os monitores. Finalmente, o Primeiro Oficial Orrey entrou e sentou-se na cadeira do Capitão, olhando para os ecrãs.

— Onde estamos, Sr. Tumm? É uma rocha perdida?

— Ainda falta um dia para a Mirox, senhor.

— Muito bem. A nave é minha. Retome os seus deveres.

— Sim, senhor! O Primeiro Oficial tem o comando.

Tumm deixou a cadeira do Primeiro Oficial e voltou para a estação do Com-N. Orrey estava no comando. Todos naquela ponte eram oficiais experientes e escolhidos a dedo, mas Orrey era especial. O Comandante Zell tinha-me dito uma vez que ele daria um almirante brilhante, um dia.

— Sr. Zell, por favor peça informações ao *Kark* e ao *Lion* quanto ao que eles estão a ver.

O *Kark* e o *Lion* eram os dois contratorpedeiros no lado bombordo da frota. Como eu estava à frente das sondas, Zell contactou os navios ele mesmo.

— Eles confirmam os contactos, senhor. Sem imagens.

Então o Capitão entrou e disse:

— Eu tenho o comando.

Orrey levantou-se imediatamente e sentou-se na sua própria cadeira, dizendo:

— O Capitão tem o comando.

Simmas sentou-se na cadeira do Capitão e todos fizeram silêncio enquanto ele se inteirava, lendo os acontecimentos no seu ecrã.

— Bandeira vermelha! — quase gritei. — Nível 5, 10-e-10! Sem imagem, senhor!

‘Bandeira vermelha’ significava um movimento linear através de três níveis de sondas, e que assinalava um claro movimento em direcção aos navios da frota. E ainda não havia imagem no meu ecrã. Tive um surto irracional de vergonha por as sondas não estarem a conseguir ver o contacto, mas foi rapidamente ultrapassado por um ligeiro surto de medo e excitação.

— *Kark* está a limpar os quadros, senhor — disse Zell.

— OK — disse o Capitão. — Limpem os quadros.

‘Limpem os quadros’ era um procedimento de primeiro alerta. Queria dizer que todas as actividades não essenciais a decorrerem nos próximos minutos seriam adiadas ou canceladas. Nada estaria nos Quadros de Actividades senão o que a ponte ordenasse. Todos na ponte ficaram subitamente atarefados, a contactarem toda a gente nos seus Comandos.

Orta, outro tipo simpático de cabelo castanho que era meu colega no Com-S, apareceu finalmente e sentou-se no seu lugar. Olhei de soslaio para o ecrã de Zell e vi o sinal: «Para a frota: a *Magnar* limpou os quadros».

Esperámos. Então ouvi uma voz calma atrás e acima de mim.

— Sr. Iddo, ponha as bandeiras no primário, se não se importa.

Virei-me e vi o Almirante Hedde a olhar para mim.

— Sim, senhor!

Enviei os quatro avisos das sondas para o ecrã principal, para todos verem. Tinham-se tornado todos vermelhos, claro, mostrando o movimento linear.

— Isto foi há oito minutos? — perguntou o Almirante.

— Sim, senhor Almirante.

— Estou a ver. Então não sabemos onde está, pode estar em qualquer lado. Capitão, suba o alerta um furo, está bem?

— Sim, senhor Almirante. Estações de combate, Sr. Vallard

— ordenou o Capitão ao Com-A. — Sr. Zell, envie o sinal.

— Sim, senhor. Sr. Orta, todos às estações de combate.

— Sim, senhor!

Orta começou a enviar os sinais a todos na nave, enquanto Zell enviou os sinais à frota: «Para a frota: a *Magnar* ordenou estações de combate». E então o Almirante falou de novo.

— Sr. Vallard, tenha todas as ímpares prontas, por favor.

— Sim, senhor! A preparar todas as ímpares!

‘Ímpares’ eram as baterias de mísseis de alto calibre e de defesa do lado de bombordo. Do 1.º ao 11.º Cascos, à esquerda, os A’s estariam a ‘engatilhar’ as armas.

— As ímpares estão prontas, senhor Almirante! — anunciou Sork, nas Armas.

— Obrigado — disse simplesmente o Almirante.

E, então, Zell:

— Todas as naves ordenaram estações de combate, senhor Almirante.

— Muito bem.

Todos estavam focados nas suas consolas. Durante alguns minutos, nada aconteceu.

— Alguma coisa, Sr. Iddo? — perguntou-me Zell, a meia voz.

— Negativo, senhor.

Continuámos à espera. Passaram vários minutos. O Almirante perguntou:

— A que distância estamos da Mirox, Sr. Tumm?

— Um dia, senhor Almirante.

— Hmm... Demasiado longe...

Esperámos mais um pouco. O Almirante deu outra ordem.

— Diga à *Syrius* para patrulhar a bombordo, por favor, Sr. Zell.

— Sim, senhor!

Zell enviou o sinal e a rápida corveta-correio circulou pelo lado bombordo da frota. Após alguns minutos, Zell voltou a falar.

— A *Syrius* não assinala qualquer contacto, senhor Almirante.

— Muito bem.

A espera em silêncio durou quase uma hora. Eu continuava a olhar para a minha consola, mas não apareciam mais luzes nenhuma. Nada. E então o Almirante disse:

— OK. Mandé libertar os quadros, Sr. Zell.

— Sim, senhor.

Foi enviado um sinal para retomarem as actividades normais.

— O que quer que fosse, já lá não está — acrescentou o Almirante, levantando-se. — Sr. Orrey, por favor reúna toda a gente lá em baixo. Precisamos de falar sobre isto.

— Sim, senhor!

\*\*\*

Também fui convocado. Numa reunião especial da Equipa-C está sempre presente um oficial subalterno dos Sinais, de modo a que as comunicações externas possam ser monitorizadas a partir da sala. Agora que eu era o número dois do Comandante

Zell, era a minha vez. O Almirante encabeçava a mesa de conferências do QG da Equipa-C, e o Capitão e o Primeiro Oficial também se sentavam à mesa, tal como todos os comandantes principais (com a excepção do Comandante Mahar, dos Técnicos, que comandava a ponte nesse momento). Eu estava num canto, a operar uma estação de Sinais.

— Bem — começou o Almirante —, o que é que acabou de acontecer?

Todos ficaram silenciosos, por um momento, até que o Sr. Orrey disse o que a maioria de nós estava a pensar:

— Eu diria um Silencioso, senhor.

Os ‘Silenciosos’. Era assim que chamávamos àquelas pequenas naves invisíveis e dissimuladas, criadas e desenvolvidas até à perfeição pela República de Axx. Muitos os tinham. Até havia o rumor de um ou dois terem caído nas mãos de piratas. Mas apenas Axx os tinha em número e dependia mais deles.

O Comandante Torney, o L., um homem magro com um nariz afilado, fez uma careta nauseada.

— Isso é impossível. Nenhum Silencioso pode estar assim no meio do nada, a perseguir-nos. Não deste lado da Mirox, pelo menos. Não teria alcance.

Orrey torceu a boca.

— Que se saiba...

O Capitão Simmas aclarou a garganta.

— Sr. Zell, poderia ser uma nave pirata? Abastecida algures na cintura Mirox?

Zell abanou a cabeça.

— Os últimos relatórios dizem-nos que não há actividades piratas daqui até ao planeta anão Raven, senhor. Os corsários do Mar da Escuridão estão particularmente quietos, não sabemos bem porquê.

Orrey voltou a falar:

— Claro que estariam particularmente quietos caso houvesse uma actividade militar pouco comum na região.

— Que tipo de actividade militar pouco comum? De quem?

— perguntou Torney, franzindo a testa.

— Acho que todos sabemos do que o Sr. Orrey está a falar — interveio o Almirante. — Se foi um Silencioso, teria de ser de Axx.

— Mas é impossível, senhor Almirante — retorquiu o L. — Estamos demasiado longe!

— Encontraram uma maneira — continuou o Almirante. — Alguém tem outra explicação possível para o que aconteceu?

Ninguém disse nada. O Almirante assentiu com a cabeça.

— Não consigo imaginar qualquer razão para que uma nave pirata viesse ameaçar uma frota de Webbur assim, vocês podem?

— Desafio? — sugeriu Tumm. — Para alguns desses rapazes, é um modo de vida.

— Eles desafiar-nos-iam com um ataque a um comboio ou pilhando naves de turismo. Não com uma incursão a este lado da Mirox para ameaçar a 2.<sup>a</sup> Frota. — O Almirante fez um gesto displicente com a mão. — Não. Foi um Silencioso, certamente. E foi um militar. E isso quer dizer que alguém está a flectir os músculos. E eu diria que é Axx.

A sala voltou a ficar em silêncio. E nesse preciso momento, como se de propósito, recebi um sinal no meu ecrã. Um sinal prioritário. E paralisei. E li outra vez. E outra. E finalmente levantei-me, aproximei-me da mesa e disse ao ouvido do Comandante Zell:

— Sinal prioritário, senhor.

O Almirante chamou-me:

— O que foi, Sr. Iddo?

Endireitei-me e olhei para ele, tímido.

— Sinal prioritário, senhor Almirante.

— Sim?

Hesitei.

— Desembuche, homem! — gritou o L.

— Guerra, senhor — disse eu. — Torrance declarou guerra a Axx.

Olharam todos uns para os outros, surpresos. O Almirante Hedde encostou-se para trás.

— Bem... — disse ele. — Cá está.

\*\*\*

— Estamos em guerra?

A bela cara de Lara mostrou o seu medo e preocupação no monitor. A guerra tinha sido anunciada à frota há algumas horas. Mas só agora é que eu tinha tido a oportunidade de lhe ligar.

— Não, ainda não — respondi o mais calmamente possível — Torrance é nosso aliado, mas nem o Presidente nem o Conselho tomaram essa decisão.

— Mas vão tomar, não vão?

— Não sei, Lara. Não sei. Por agora somos apenas espectadores.

— Mas ainda vamos a Torrance?

— Não sei. O Almirante está a manter a rota... Julgo que está à espera de ordens.

Ela fez-me um pequeno sorriso triste e estava mais bonita que nunca. Quem me dera simplesmente levantar a mão e acariciar aquela face macia, remover a madeixa rebelde daquela testa, levantar-lhe o queixo e beijar os lábios quase trementes. A sua voz suspirou através do canal.

— Então não vai haver um baile, pois não?

‘Um baile’... Que maravilhosa rapariga... Não era com o inimigo que ela se preocupava.

— Não me parece, Lara.

Ela baixou os olhos, verdadeiramente triste.

— Oooh...

\*\*\*

— Então? Onde está a bóia?

A voz do almirante ecoou pela ponte de comando. Zell olhou para mim, desconfortável. Todos olharam para mim.

— Encontrou-a, Sr. Iddo?

— Negativo, senhor. Silêncio em toda a área.

Poder-se-ia pensar pelos livros e pelas gravações de ficção que uma cintura de asteróides é um aglomerado compacto de rochas a baterem perigosamente umas contra as outras e a meter-nos em sarilhos. Na verdade, é mais como um mar com uma pequena população de icebergs, onde se descobre uma ou duas rochas de vez em quando. No entanto, obrigava os navios de passagem a mudarem de direcção várias vezes e, no início, muitos perdiam-se, pois a navegação tornava-se difícil e muitos dos minerais das rochas interferiam com os sensores. Usar o Sol como referência nem sempre funcionava e, muitas vezes, os viajantes chegavam ao outro lado da cintura de asteróides num lugar muito diferente do estimado, ainda defronte para o Sol, mas longe da rota. Se o combustível e as provisões estivessem cuidadosamente racionados para uma rota em particular, podia tornar uma viagem normal num verdadeiro pesadelo. Portanto Webbur tinha colocado uma linha de bóias de navegação na cintura de asteróides Mirox, tal como Torrance tinha feito na Eeron. Seguindo a linha destas bóias de navegação, qualquer viajante podia manter a sua rota dentro da cintura e surgir no outro lado, exactamente onde era suposto, dentro da rota de Webbur para Torrance e de volta. Equiparada com navegação por pulsar sofisticada, a 2.<sup>a</sup> Frota não precisaria de usar as bóias, mas ainda assim, era o procedimento normal usá-las sempre que a rota o tornasse conveniente, e era parte da função da 2.<sup>a</sup> Frota certificar-se da segurança das rotas mercantes. No entanto, a primeira bóia parecia ter desaparecido.

— Os cálculos estão correctos, Sr. Zell? — perguntou o Capitão. Estavam todos na ponte para a entrada na Mirox. — Temos os códigos de contacto correctos?

— Sim, senhor — disse o meu Comandante sem uma dúvida na voz. — Todos os cálculos foram verificados e confirmados pela Navegação. A bóia devia estar aqui.

A ponte ficou silenciosa por momentos. Finalmente, o Almirante falou:

- Nesse caso, podemos ir à procura da próxima, por favor?
- Estabeleça a rota, Sr. Tumm — disse o Capitão.
- Sim, senhor!

Senti-me aliviado pela afirmação de Zell. Ele tinha confiado em mim e tinha-me defendido sem hesitação. Num momento, todos pararam de olhar para mim e consegui respirar de novo. E se eu tivesse cometido um erro? Seria possível? Não conseguia ver como. Mas onde estava a bóia? Não havia qualquer sinal em lado nenhum.

A *Magnar* continuou na sua rota durante algum tempo, para onde os cálculos indicavam que estaria a segunda bóia. Mas... nada. Não havia ali nada.

- Sr. Iddo? — perguntou o Almirante.
- Ainda nada, senhor Almirante.
- E estamos no sítio certo? O que é que diz o STP?

Tuum, na Navegação, virou-se para o oficial subalterno Rumens, que tinha a seu cargo o Sistema de Triangulação por Pulsares. Os pulsares têm posições muito estáveis, por isso são perfeitos como referências de navegação.

— Estamos na localização certa, senhor Almirante — indicou Tumm.

— Então onde está o raio da bóia? — O Almirante levantou-se da cadeira.

Eu não conseguia responder àquela pergunta. Ninguém conseguia. Ouvi alguém a murmurar atrás de mim e percebi que o Sr. Orrey devia estar a conferenciar pelo canal fechado com o Capitão e o Almirante. Isto passou-se durante alguns minutos. Finalmente, o Capitão Simmas ordenou:

- Sr. Tumm, a toda a velocidade em direcção à terceira bóia, por favor.
- Sim, senhor!
- Sr. Zell, relate qualquer contacto, seja ele qual for, por favor.

— Sim, senhor!

Eu não conseguia compreender aquela última ordem. Não era hábito do Capitão dar ordens redundantes e aquela era obviamente uma ordem redundante. Eu tinha os meus olhos colados aos monitores e os meus ouvidos bem abertos aos auscultadores. Claro que relataria qualquer contacto. Mas o que tinha sido aquilo, afinal? Se calhar não confiavam em mim. Talvez quisessem que Zell verificasse os sensores também. Mas ele não parecia estar a olhar para a consola. Estava a olhar para o Espaço, fundo nos seus pensamentos. E uma olhadela rápida deu-me a perceber que o Almirante e o Capitão estavam de testa franzida, preocupados. Do que estariam à espera?

Subitamente, percebi. Estavam à espera de mãos criminosas. Estavam à espera de perceber que alguém tinha estado a destruir, deslocar ou roubar as bóias. O Silencioso, claro... Estavam à espera do Silencioso. Isto era uma batalha! Declarada ou não, já estávamos em guerra!

Um sinal verde na minha consola!

— Contacto! — gritei. — Bóia de navegação número 3! 1-e-2, senhor!

— Distância? — perguntou o Capitão.

— 20 medidas, senhor.

— Navegação?

— Chegaremos à posição em menos de uma hora — respondeu Tumm.

— Quando é devida a próxima leva, Sr. Zell? — perguntou o Primeiro Oficial.

— 122 minutos, senhor.

Uma nave não pode lançar sondas no meio de um combate. Se o combate se prolongar demasiado para além do prazo para o lançamento de uma leva de sondas, a nave fica cega a longa distância muito rapidamente. E uns minutos antes do prazo, a rede de sondas já está abaixo dos 100%, pois algumas sondas já estarão a ficar para trás e a perderem-se. Mas se uma leva é lançada demasiado perto do momento de contacto com o inimigo,

as sondas podem não ter tempo de estabilizar nas suas rotas antes do navio começar manobras de combate e podem perder-se no processo, escapar para o Espaço sideral, ou até embater contra outras sondas ou outros obstáculos. E o inimigo não tinha o hábito de anunciar quando ia entrar em contacto...

Então...

— Senhor! — gritei. — Perdi o contacto, senhor! Já não tenho sinal da bóia! Os sussurros encheram a ponte. O Capitão ordenou:

— Sr. Tumm, estabeleça o rumo à quarta bóia, por favor. A toda a velocidade.

— Sim, senhor!

E então o Almirante:

— Sr. Zell, envie uma mensagem à frota, por favor. Preciso do relatório de sondas dos contratorpedeiros e das fragatas, imediatamente.

— Sim, senhor!

Após alguns minutos, Zell reportou:

— O *Orink* e o *Dolymp* têm a contagem mais baixa, meu Almirante. 61 e 69. Todos os outros estão acima dos 100.

— Muito bem. Comunique ao *Kark*, ao *Lion*, ao *Carba* e ao *Friel* que avancem a todo o vapor e encontrem a quarta bóia. Diga-lhes que limpem os quadros e sejam cautelosos.

— Sim, senhor!

Contratorpedeiros e fragatas são muito mais rápidos do que naves de guerra de primeira categoria, por isso o Almirante estava a enviá-los à frente, à caça. Senti arrepios. Isto era excitante. Isto era uma batalha!

— O *Lion* está a perguntar pelas regras — disse Zell.

— Livre para disparar, Sr. Zell — respondeu o Almirante. Ele não estava a gozar.

— Livre para disparar, sim, senhor.

— Não vão brincar connosco deste lado da Mirox, nem pensar.

Olhei para Orta e ele olhou para mim. O Almirante tinha

dado autorização para disparar. Ele não estava a brincar! Toda a ponte pareceu inchar em murmúrios excitados.

— CALADOS, SENHORES! — gritou o Primeiro Oficial. — Esta é a ponte do Almirante!

Era suposto sermos exemplos. Era suposto sermos homens disciplinados. Forcei-me a olhar para o meu ecrã. Isto era uma batalha! O sistema estava em paz há 60 anos! E agora estávamos em batalha! A guerra estava próxima! Os oficiais mais velhos tinham lutado na Guerra dos Piratas, mas se o Almirante estava certo, e o Silencioso viesse de Axx, bem... esses não eram nenhuns piratas...

\*\*\*

As duas horas seguintes foram tensas. A frota continuou a avançar em direcção ao sol e à quarta bóia.

— Comunicação do Lion, senhor Almirante — começou Zell.

— Diga... — disse o Almirante.

— Chegaram à bóia, senhor. Está exactamente onde é suposto estar. Não há mais contactos, senhor.

— OK — assentiu o Almirante. — Diga-lhes que lancem uma leva extra e mantenham os quadros limpos. Quanto tempo até chegarmos a eles, Sr. Tumm?

— Cerca de uma hora, senhor Almirante.

— Muito bem.

Toda a ponte entrou numa concentração especial onde ninguém parecia estar distraído com nada. Todos estavam ali, presentes, a desenvolverem as suas tarefas de uma maneira tranquila e segura.

— Sondas, Sr. Iddo? — perguntou-me Zell.

— Sondas prontas, senhor. Lançamento em 20.

— Prossiga.

Zell olhou para cima, para a Constelação, e eu segui os seus olhos por um segundo. A frota estava a navegar numa 'formação em espinha' diminuída, com as três grandes naves de guerra no

centro, umas atrás das outras, e a pesada *Warhog* e a discreta *Pleeto* um pouco para baixo na retaguarda. O *Orink* estava um pouco para trás e a estibordo, a fechar a formação, e a *Dolymph*, uma fragata, à frente, juntamente com a *Syrius*.

Olhei para a minha consola e anunciei:

— Lançamento de sondas em 10-9-8-7-6-5-4-3-2-1. Lançar.

Sentimos uma ligeira vibração a sair da nave, à medida que dezenas de sondas deixavam os seus tubos de lançamento e encontravam o seu caminho para o Espaço sideral.

— Sr. Zell — começou o Almirante —, por favor peça à *Dolymph* e à *Syrius* que se mantenham dentro do círculo, se não se importa. Não vamos alargar a formação demasiado, está bem?

Luz Laranja!

— Sim, senhor Al...

— CONTACTO! — gritei. — Nível 9! 9-e-10!

Todos parecemos dar um salto. Ficámos em silêncio por meio segundo.

— Imagem? — pediu Zell.

— Sem imagem, senhor.

— Qual é a direcção? — perguntou Orrey.

— Não tenho vector, senhor.

— Limpem os quadros! — ordenou o Capitão.

E subitamente, todos pareciam estar a falar com alguém e a fazer algo urgente.

— No primário, por favor, Sr. Iddo — pediu o Almirante, atrás de mim.

— Sim, senhor!

Enviei o sinal para o monitor primário. Mas então...

— Contacto! Nível 8! 9-e-9! Sem imagem, senhor!

Todos olharam para o primário. Ouvi o Almirante a murmurar:

— O que é que ele está a fazer?

Mas só tivemos de esperar um par de minutos. Depois, lá gritei outra vez:

— Bandeira Vermelha! Nível 7! 8-e-8!

O Silencioso estava a aproximar-se e a descer rapidamente em direcção às nossas barrigas e retaguarda. Quase que conseguia ver o Almirante a fazer uma careta atrás de mim, tentando perceber a ideia do capitão inimigo. Disse tranquilamente:

— Ela vem à luta. Ponha-os a trabalhar, Capitão.

— Estações de combate! — gritou o Capitão. — Quero todas as ímpares prontas, Sr. Vallard!

— Sim, senhor!

— Rápido, Capitão. Rápido — disse o Almirante.

— 20 graus a bombordo, Sr. Tumm! — ordenou o Capitão. — Velocidade de batalha, por favor!

— Sim, senhor! Velocidade de batalha!

— Sr. Zell, a *Dolymph* e a *Syrius* que flanqueiem por bombordo. Imediatamente! — disse o Almirante.

— Sim, senhor!

Pela Constelação, conseguia ver a *Magnar* a inclinar-se para a esquerda e a aumentar a velocidade, apesar dos controles de gravidade nos fazerem crer que continuava a direito e lenta.

— Contacto! Nível 7! 8-e-7!

— Não me parece que se dirija a nós — ouvi o Primeiro Oficial Orrey dizer. O Silencioso continuava em direcção à retaguarda e a baixar no 'horizonte'.

— QUE DIABOS, SR. VALLARD! — gritou o Capitão. — ONDE ESTÃO AS MINHAS ARMAS?

— Todas as ímpares prontas, senhor! — respondeu o Com-A.

Olhei para a Constelação. A frota estava agora a ficar numa linha, a ganhar velocidade e a curvar à esquerda. Todas as naves estavam prontas para a batalha. Apenas a *Dolymph* e a *Syrius* estavam à direita, distantes, longe da monitorização da Constelação.

— Arranje-nos um alvo, por favor, Sr. Iddo — disse o Almirante.

— Estou a fazer o que posso, senhor Almirante!

Olhei para a minha consola, à espera das sondas. Nada. Onde é que ele estava? Ali!

— Nível 5! 8-e-7, senhor!!

— Está a ir para a popa! — disse Orrey. — Está a atacar a retaguarda!

— Está a atacar a *Warhog* — disse o Almirante.

A nave de reabastecimento! Claro! Sem a nave de reabastecimento, a frota nunca conseguiria chegar a Torrance. Teria de voltar para trás. Mas a retaguarda da frota... O *Orink* estava lá atrás! Lara estava lá atrás!

— Quero o meu vector, Sr. Iddo! — disse o Capitão. — Quero uma solução!

Olhei para a Constelação. O *Orink* estava no lado estibordo da frota. Do outro lado da *Warhog*. Para já, longe da ameaça.

— SR. IDDO!! VECTOR!!

— Sem imagem, senhor! Só um piscar! Demasiado rápido para triangular, senhor!

— Ele está no Nível 5, que diabos! Ainda tem de ficar mais perto?

— A última leva não estabilizou, senhor! Não estamos na capacidade total!

— Então estreite os níveis, tenente! Arranje-me um vector!

— Concentre-se na curva, Capitão, concentre-se na curva — disse o Almirante. — Sr. Zell, temos a *Dolymph* e a *Syrius*?

— 4-e-3, senhor! Dirijem-se para a nossa posição!

— Diga-lhes que não esperem pelas ordens. Ataquem. Passem por cima de nós, aproximem-se do sacana e ataquem!

— Sim, senhor Almirante!

— Sr. Orta — chamou Orrey. — Continue a verificar se há rochas, se não se importa. Não gostaríamos de embater num asteróide nesta altura, pois não?

— Sim, senhor! Nada a comunicar, senhor!

E eu gritei de novo:

— Nível 4! 7-e-7, senhor Almirante!

— Está a mergulhar rapidamente — disse o Almirante.

— Sr. Tumm! — chamou o Capitão. — 20 graus a bombordo,

30 graus abaixo. Precisamos de baixar a proa rapidamente, por favor!

— Sim, senhor!

— Vamos perdê-lo — disse o Almirante. — Vai apanhar-nos antes de darmos a volta.

E então Orrey:

— Precisamos do *Orink*, senhor Almirante.

O meu coração falhou uma batida. O *Orink*... Mas o Almirante Hedde ainda tinha algumas ideias.

— Capitão, dispare às cegas — ordenou.

— Sr. Vallard, solução às cegas. Todas as ímpares, dois tubos por bateria — disse o Capitão. — O mais próximo que puder daquela bandeira vermelha, por favor! Meia medida à frente!

— Sim, senhor! Todas as ímpares prontas, senhor!

— Fogo!

— Fogo!

Toda a nave tremeu quando os 120 mísseis de ACAE saíram dos seus tubos nos porões ímpares de 1 a 11. Olhámos para a esquerda e vimos as caudas brancas dos mísseis à medida que estes viajavam em direcção ao Espaço negro.

— A *Viker* também está a disparar, senhor Almirante — disse Zell. — Soluções cegas.

Olhei para trás e vi a *Viker* a disparar e as caudas de fumo branco a voarem a 750 med/h em direcção ao Espaço vazio.

— A *Taurus* está a disparar, senhor Almirante — disse Zell. — Soluções cegas.

Já nem conseguíamos ver as caudas dos nossos mísseis, e então deixámos de ver os da *Viker* e da *Taurus*. E então as explosões, ao longe. Uma série de explosões a surgirem aqui e ali. Mas a área era demasiado vasta. A esta velocidade, a área ficava demasiado vasta. Os últimos mísseis ainda não tinham explodido e o Almirante já estava a dar a ordem.

— Sr. Zell, comunique ao Capitão Turrel que o *Orink* tem de actuar. Proteger a *Warhog* a todo o custo.

— Sim, senhor!

A todo o custo... Não... *Lara*... E olhei para a Constelação e vi que o *Orink* já estava em movimento, sem esperar pelas ordens, estava a acelerar e a dirigir-se para a *Warhog* quase como se fosse chocar contra ele, ou abordá-lo. E então vi-o. O sinal. O sinal de alarme. No meu painel. Gritei.

— TORPEDO!

‘Torpedos’ são mísseis que são em primeiro lugar projectados por gás invisível e catalisadores a laser até estarem próximos do alvo, indetectáveis, e então disparam os propulsores para acelerar, assegurando-se, que o alvo não escapa. E são poderosos. Muito poderosos.

— Raios! — disse o Capitão.

— Torpedo! Outro, senhor!! Dirigem-se à *Warhog*, senhor!!

— O que é que o *Orink* está a fazer? — disse Orrey.

As últimas horas tinham sido incríveis. Literalmente incríveis. Como se estivesse a ver um filme de efeitos especiais alugu- res. Talvez no sofá da minha mãe, a rir-me com os meus amigos, a beber refrigerantes e a comer batatas fritas e pipocas. Como se não estivesse ali, a viver todas aquelas excitantes e assustadoras aventuras. Como se o perigo fosse alguma partida que algum grande palhaço estivesse a pregar-nos. As últimas horas tinham sido como um sonho. Eu tinha-me movido como estava treinado. Tomado decisões como estava treinado. Parecia surreal. Mas nada tão incrível como o que aconteceu depois, nos segundos que se seguiram. Uma visão que eu nunca seria capaz de apagar da minha mente. Tudo como num sonho. Um sonho inacreditável. Um sonho mau.

O *Orink* fez a manobra mais inacreditável que alguma vez vi em todos os meus anos no Espaço. Incrível. Incrivelmente perigosa. Incrivelmente corajosa. Incrivelmente suicida. O contratorpedeiro de 50 baterias estava quase a embater contra a *Warhog* e então subiu e... rolou. Como um caça de combate. Simplesmente rolou. E passou pela nave de reabastecimento por cima, e... ofereceu a barriga aos torpedos.

Nenhum som se propaga no Espaço. Mas eu ouvi a primeira explosão. Dentro da minha mente, foi uma explosão enorme, rebentando com o meu cérebro. A minha boca estava aberta. Os meus olhos doíam. A luz queimava as minhas íris. Era óbvio para todos nós que o *Orink* perdera centenas de pessoas apenas naquela primeira explosão. E houve imediatamente outras explosões, secundárias, alimentadas por combustível e munições. Partes inteiras da nave estavam a ser arrancadas umas das outras.

*Lara...*

E então o outro torpedo atingiu a nave.

*Lara...*

Foi um impacto fatal. Nós sabíamos que era um impacto fatal. Eu sabia que era um impacto fatal. O contratorpedeiro estava irreconhecível. Houve mais explosões. Ele estava a desintegrar-se. A partir-se em dois. Nem queria acreditar. Podíamos ver corpos de pessoas a serem atirados para o Espaço, muitos deles ainda em chamas que se extinguíam quase imediatamente. Todos mortos ou a morrerem em segundos.

*Lara...*

Não conseguia ver cabelo loiro. Tentei descobri-lo, descobri-lo em qualquer dos cadáveres, mas era demasiado difícil, demasiado longe, demasiado rápido.

*Lara...*

— Já chega — disse o Almirante. — Queime as sondas.

Não conseguia acreditar no que estava a ver. No que estava a sentir. Não conseguia acreditar que estava ali, a ver aquilo. Não conseguia acreditar que Lara estava ali, a passar por aquilo.

— Sr. Iddo! — chamou Zell. — Queime as sondas. Já.

Acho que disse: “Sim, senhor!” A minha mão moveu-se. Sozinha. Levantou a protecção, pressionou o botão. E então a luz. A luz intensa. E então o negro.

‘Queimar as sondas’ era uma acção desesperada. Significava explodir todas as sondas num clarão de luz branca que iluminava uma área imensa. Como o *flash* de uma câmara. As sondas seriam inúteis depois disso e a nave ficaria cega a média e longa

distância até que novas sondas fossem colocadas em funcionamento, mas por uma fracção de segundo tudo estaria iluminado pela luz de modo a ser ‘visível’ pelos sensores da nave.

Por uma fracção de segundo, o ambiente virtual à nossa volta desligaria, para não ficarmos cegos com a luz intensa. Tudo ficava negro. Mas depois ligava-se de novo. E ele ainda ali estava. O *Orink*. A desintegrar-se. Sem sobreviventes. Pelo menos assim seria dentro de pouco tempo. Dentro de muito pouco tempo. Morreriam todos. Sem esperança.

*Lara...*

— CONTACTO! — ouvi-me a gritar, os meus olhos mecanicamente a olharem para o meu ecrã. Ali estava ele. O Silencioso. A imagem do Silencioso, o predador esguio e escuro. O assassino. O cabrão assassino. A preparar-se para disparar de novo. Finalmente a descoberto.

— SOLUÇÃO! — gritou o oficial das Armas.

— TODAS AS ÍMPARES, FOGO!

— TODAS AS ÍMPARES, FOGO!

E então todo o Universo vibrou violentamente com os ecos de 500 mísseis a rugirem através dos seus tubos e a saltarem para a acção. As caudas de fumo branco taparam-nos o campo de visão.

— A *Viker* está a disparar. A *Taurus* está a disparar, senhor Almirante! — disse Zell.

Não conseguia ver o *Orink*. Já não o conseguia ver. E então os mísseis chegaram mais longe e já o conseguia ver outra vez. E os mísseis começaram a explodir e eu vi o Silencioso com os meus próprios olhos, e estava a explodir. E o *Orink* levou com outro torpedo, um último torpedo. E o Silencioso explodiu. Grandes, enormes explosões de centenas de mísseis a atingirem o alvo. A sua morte muito rápida. Muito mais rápida do que a do *Orink*. Muito mais rápida que a de Lara.

*Lara...*

— Alvo destruído, senhor Almirante... — murmurei.

Lembro-me que ninguém celebrou. Não naquela ponte.

Devíamos estar todos em choque. Todos víamos os nossos colegas, os nossos camaradas e amigos... e amantes, a perderem as suas vidas num terrível... inacreditável... inferno.

— A *Taurus* e a *Viker* também queimaram as suas sondas, Sr. Zell? — perguntou o Almirante.

— Sim, senhor Almirante.

— Então diga à *Dolymph* que agora é os olhos da frota, por favor.

— Sim, senhor. Peço desculpa, senhor Almirante, mas não devíamos...?

— Não haverá nenhum sobrevivente, Sr. Zell, mas por favor indique à *Pleeto* e à *Syrius* que procurem.

— Sim, senhor.

*Inútil... É inútil...*

\*\*\*

Não houve qualquer sobrevivente do *Orink*.

Tinha sido uma brilhante armadilha. Cuidadosamente planeada e executada. O Silencioso tinha atraído os contratorpedeiros e fragatas para longe com a distração da bóia. E então tinha atacado o ponto mais fraco da frota. A nave de reabastecimento. Sem aquelas provisões a frota nunca chegaria a Torrance. Nunca seria capaz de projectar a sua força e a sua imagem ao lado de Torrance. Não estaria no caminho da primeira vaga de ataques de Axx ao Reino.

E no final foi isso que o inimigo conseguiu.

\*\*\*

O Comandante Zell disse para me sentar do outro lado da sua secretária e explicou-me a situação.

— Vamos voltar para trás, Sr. Iddo. Não vamos para Torrance. A Marinha ainda não consegue acreditar que a 2.<sup>a</sup> Frota quase foi batida por um único Silencioso. Os Almirantes estão em

choque. E o Presidente acha que é demasiado perigoso deixar a frota entrar no sistema solar interior, neste momento. Seríamos sugados para uma guerra para a qual claramente não estamos preparados. Por isso estamos a voltar para trás.

— Então perdemos a batalha, senhor? — Eu estava de boca aberta. Lara tinha morrido para nada. O *Orink* tinha sido perdido para nada.

Zell recostou-se para trás na cadeira.

— Para ser franco, Sr. Iddo, não tenho a certeza. As consequências do que aconteceu vão demorar algum tempo a analisar. Não me parece que possamos continuar a olhar para a guerra e a Marinha como até aqui. Já não podemos assumir que temos as naves mais poderosas do sistema. Não, se fomos quase inúteis frente a este Silencioso.

— Mas Torrance...

— Torrance terá a nossa ajuda, sem dúvida, Sr. Iddo. Webbur encontrará uma maneira de ajudar. Tem de ser. Mas por agora, a frota vai manter-se longe do perigo.

Eu não sabia o que dizer. Sentei-me para trás e baixei o olhar até ao chão.

— Sei que tinha amigos no *Orink* — disse ele.

Levantei o olhar.

— Eu também tinha alguns amigos... E vou sentir a falta deles. Mas tenha a certeza de uma coisa, Tenente...

Ele parou a meio da frase, fitando-me intensamente.

— O quê, senhor? — murmurei.

— Muitos mais vão morrer antes disto chegar ao fim.

E ele tinha razão. Antes disto chegar ao fim... Eu iria perder a conta.

\*\*\*

Mais tarde, deitado no meu beliche, os meus pensamentos voltaram teimosamente às mesmas imagens. Lara, o *Orink*, as explosões. Senti-me dormente e a sufocar. Gaddy, dos T's, entrou e acho que olhou para mim. Talvez tenha querido dizer

algo. Mas não disse. Foi para o seu beliche e deixou-me em paz. Em paz com o nada.

Então, ouvimos um apito. Olhei para a placa amarela do altifalante no tecto.

— Marinautas da *Magnar* — chamou uma voz familiar. — Aqui fala o Almirante Hedde.

Em toda a nave, todos os olhares fitavam uma placa amarela.

— Meus amigos, as últimas horas foram surpreendentes para muitos de nós. Há muito que treinamos juntos e conhecemos-vos a todos pessoalmente. Alguns melhor do que outros, mas acreditem que vos conheço a todos. Ao longo do treino que fizemos, do serviço que prestámos, posso dizer sem qualquer dúvida que nos considero, à 2.<sup>a</sup> Frota de Webbur, a mais bem treinada força de combate do Universo. Mas apesar de todo o nosso treino sei que a maioria de nós, talvez todos nós, não estava preparada para a dor e perda que experienciámos. Todos tínhamos amigos e família no *Orink*. Todos tínhamos promessas de bons momentos, de sorrisos, de amor, de apoio, de amizade. O que temos agora é dor. É perda. Mas também memórias. E essas são aquelas que devemos manter e acarinhar para nos guiar através dos nossos caminhos na escuridão.

E teremos caminhos na escuridão. Fomos atacados de forma traiçoeira e brutal e certamente que o seremos de novo no futuro. Estamos a caminho da guerra. Talvez não imediatamente, mas certamente que ela nos espera mais à frente. Por isso, mantenham-se firmes. E mantenham-se juntos. Acarinhem os bons momentos e memórias que temos juntos. Apoiem-se no nosso excelente treino e nos nossos excelentes camaradas ao nosso lado. E derrotaremos a besta. Com a certeza do destino. Obrigado a todos.

E o altifalante ficou em silêncio.

Obrigado, senhor Almirante, pensei.

Fechei os olhos. Senti uma lágrima solitária a formar-se e a escorregar pelo lado do meu olho. A gota fria e molhada a chegar à minha orelha, desconfortavelmente.

E limpei-a.

E virei-me para o lado.

E adormeci.

Sozinho.